



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



todo, também, pela defesa nacional e pelas nossas relações com o mundo exterior.

É esse o espírito desse programa. O espírito de um programa no qual estamos, realmente, absolutamente, voltados para a construção de um novo Brasil. Para a construção, como disse aqui, de uma sociedade nacional mais justa, mais forte, mais competente e mais solidária com as gerações futuras.

Ora, isso tudo é só para dizer: não dá para ser feito se não tivermos, também, um olhar muito claro e crítico quanto ao presente. O programa orçamentário do ano 2000, que está sendo entregue hoje aos Senhores, também é um programa que supõe o crescimento do PIB. E eu friso e repito: num patamar de 4% ao ano.

O Brasil tem fome de crescimento. O Brasil vai crescer. Nós confiamos no Brasil. Temos a competência de fazer com que esse crescimento não desorganize as finanças públicas, senão que, pelo contrário, ele seja a consequência de finanças públicas organizadas.

O Orçamento que está nas mãos dos Senhores e das Senhoras, dos Senhores Congressistas, contempla isso. Contempla, sim, um superávit primário, porque nos cansamos da dívida e temos de fazer com que essa dívida brasileira tenda a cair para que possamos ficar livres daquilo que é o fardo mais pesado da nossa nação, que são as elevadas taxas de juros. E as taxas de juros não se dissolvem por ato do Presidente e nem pelo Banco Central. Elas se dissolvem pela ação coordenada dos brasileiros, compreendendo a necessidade das leis que dão a segurança de estabilidade fiscal no futuro.

Vamos assegurar um patamar de crescimento de, no mínimo, 4% no ano que vem. Que esse patamar siga crescendo pelos anos afora, até que possamos, realmente, numa velocidade necessária, reduzir, não só o desemprego, mas reduzir a angústia dos brasileiros, quando ficam olhando o futuro sem vê-lo mais claro, sem ter certeza do caminho que está sendo percorrido. É por isso que este ato, hoje, é importante para reafirmar que o caminho é este, que está sendo percorrido, que está sendo construído e vai ser vitorioso.

Quero também lhes dizer que tudo isso supõe que tenhamos prioridades definidas, tenhamos parcerias, projetos claros e, sobretudo, gestão

eficiente. Estamos mudando a mentalidade do servidor público brasileiro. Ele é uma gestão empreendedora. Se a gestão é empreendedora, vamos ter que, pouco a pouco, nos livrar desta praga que é imaginar que todo gestor é um corrupto e criar mil burocracias que impedem que o gestor assuma a responsabilidade e diga sim e diga não e seja cobrado pelo resultado da sua ação e não por uma pretensa intenção de servir a esse ou àquele. Temos que confiar mais nos nossos homens públicos, nos servidores públicos, nos que tomam decisão nas repartições, nos bancos. Precisamos de uma gestão, portanto, mais empreendedora.

Disse outro dia e repito aqui: pretendo reunir-me pessoalmente com uma camada importante de gestores dos bancos públicos para infundir confiança neles próprios, confiança no Brasil e a capacidade de ousar. Não é aceitar um risco cego, mas é correr o risco, quando o risco for embasado na confiança no projeto apresentado. Não deve imaginar, também, o gestor que o outro é que não vai pagar. Assim como temos que confiar que o gestor terá a competência para assumir a sua responsabilidade, sem considerá-lo, de antemão, nem incompetente e nem desonesto, o gestor terá que ter também a mesma generosidade e entender que, muitas vezes, o empresário, sobretudo o pequeno, o micro e o médio, quando vem e precisa de algum recurso, é preciso correr um certo risco para que ele possa expandir a sua potencialidade e fazer com que o Brasil cresça mais depressa.

Não quero cansá-los. Mas não vou deixar de lhes dar alguns exemplos, simples que sejam, sem muitos números, desses 985 bilhões de reais, para mostrar no que consiste, efetivamente, o conteúdo desse programa que estamos apresentando, dando continuidade e, de alguma maneira, alavancando, fazendo com que ele cresça mais depressa.

As preocupações centrais são simples. Os programas, entre esses 358 aí apresentados, são simples, mas fundamentais.

Na educação, por exemplo, avançamos, de 95 a 98. Temos, hoje, 96% das crianças em idade escolar nas salas de aula. Nós teremos que ter ambição. Quero que, no ano 2003, quando deixar o Governo, todas as crianças brasileiras, em idade escolar, tenham um lugar na escola. Todas! Batalha dura. Batalha difícil. Poucos países do mundo conseguem

chegar a 99%. Mas se não se sonha com o desejável, se nos conformarmos só com o que é possível, se não pensarmos que, de repente, o impossível pode se tornar possível, se não construirmos caminhos para que o impossível se torne possível, sendo ele bom, não vamos avançar. Vamos fazer o esforço para que todas as nossas crianças estejam na escola. Haverá recursos para isso no Orçamento.

Não vamos também nos esquecer de que, com o impulso que demos ao ensino primário, abrimos, agora, uma pressão enorme sobre o ensino secundário. E o ensino secundário, hoje, não é apenas o ensino em termos do ensino profissionalizante e do ensino médio. Estamos mudando a função do ensino profissionalizante. Estamos fazendo com que haja a possibilidade de um certo intercâmbio entre o ensino médio e o profissionalizante. Estamos flexibilizando os currículos. Há muitas reformas – não vou mencioná-las – em marcha e outras já realizadas na educação. Mas, em termos quantitativos, precisamos aumentar, e muito, o número de brasileiros e de brasileiras que têm acesso ao ensino médio. É vergonhoso o nosso índice. Nós crescemos nos últimos anos. O Ministro diz que foi 40% nos últimos quatro anos. Mas, agora, quero mais.

Temos, hoje, 6 milhões e 700 mil crianças ou adolescentes no ensino médio. A nossa proposta é a de que tenhamos 10 milhões de crianças no ensino médio. Temos que ter ambição de avançar. Para isso, temos recursos na proposta desse plano Avança Brasil, de fazer duzentas novas escolas técnicas, nas quais vamos treinar quinhentos mil alunos em quatro anos. E há recursos para isso também.

Temos certos compromissos que são compromissos de vida. Compromissos hoje que são imperativos de consciência, eu diria até universais: não dá para aceitar criança em trabalho penoso num país como o Brasil. A consciência cívica do Brasil não aceita mais isso. Determinei que destinássemos 1 bilhão de reais para tirar todas as crianças do trabalho penoso. O Brasil não pode olhar para o resto do mundo e ver fotografia de criança em carvoaria, de criança que levanta cedo para fazer uma colheita que, muitas vezes, é impossível de ser executada por uma criança, como na cana-de-açúcar, por exemplo, que é um trabalho penoso. Não pode. Não pode haver no sisal. Não pode haver nas salinas.

Não podemos fechar os nossos olhos e imaginar que somos um país democrático – e o somos politicamente, mas somos indulgentes com o abuso contra as crianças. Há 1 bilhão de reais em recursos e vamos erradicar o trabalho infantil penoso no Brasil.

Acho que são questões dessa natureza que têm de motivar uma nova sociedade. Uma nova sociedade seria falaciosa se fosse a sociedade, não do ócio, porque o ócio é daquele que dispõe de recursos e não trabalha, mas do desalento, a sociedade do desemprego. A nova sociedade tem que dar posse e trabalho aos brasileiros. O programa, que aí está, resulta em 8 milhões e 500 mil postos de trabalho. O cálculo não é meu, é do Ipea. Realizado esse programa, em 2003, teremos criado, só nesse programa, 8 milhões e 500 mil postos de trabalho.

É um sonho. Nunca ninguém há de esquecer o famoso discurso “Eu tenho um sonho”, de alguém que, por ter esse sonho, mudou a situação racial nos Estados Unidos. Por que não podemos sonhar com uma sociedade na qual não haja o falso ócio, o desalento do desemprego? Vamos, sim, sonhar com uma sociedade que dê emprego a todos! Vamos trabalhar para isso. Vamos dar o máximo das nossas energias nessa direção.

E, claro, ninguém poderia pensar em fazer, em oferta de emprego, em criar uma situação mais justa se não prosseguíssemos nas nossas transformações na estrutura rural. Vamos assentar mais 287 mil famílias. Vamos manter e ampliar o Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf), que sustenta a unidade rural de produção familiar. Aqui estão 13 bilhões de reais para o Pronaf até o ano 2003. Repito, quando eu entrei no Governo, sabem os Senhores e as Senhoras qual era a verba do Pronaf? Era zero, não havia. Neste ano, foram 3 bilhões e 400 milhões de reais. Até o ano 2003 serão 13 bilhões de reais. Será que, por acaso, não estamos solidários? Será que, por acaso, o Governo tem o coração de pedra e não se derrete, nem vendo a miséria? Ou será que cabeça de pedra têm os que não querem ver que o Brasil está avançando e que nós estamos fazendo o que podemos? E faremos mais, porque queremos mais. Vamos, sim, continuar realizando assentamentos.

Dei-lhes alguns exemplos do conteúdo desses programas. Não gostaria de deixar de lhes mostrar, também, ainda que aí mais sumariamente, o outro lado da questão. Aqui estão os eixos de desenvolvimen-

to. Essa mudança, essa concepção já vem do programa anterior que estávamos elaborando, o Brasil em Ação.

Todo mundo sabe, hoje, que o benefício que se dá a um estado muitas vezes se esgota nele, a uma região, muitas vezes se esgota nela. Mas há certas obras estruturantes que, mesmo quando estão localizadas num estado, vão afetar o conjunto dos estados, e que é preciso aumentar a sinergia, ou seja, os efeitos em cadeia que uma ação pode propiciar. Esses eixos são, portanto, uma nova concepção. Naturalmente, cada estado vai ter seus recursos. Naturalmente, cada ministério terá seus recursos. Naturalmente, o Orçamento contempla muito mais do que estou dizendo. O Orçamento não contempla apenas o PPA. Naturalmente, as ações do Governo Federal não se esgotam nas ações que estão registradas no Avança Brasil. Mas as ações do Avança Brasil vão reestruturar o Brasil. E essas ações que vão reestruturar o Brasil estão, basicamente, em oito eixos. Um é o que nós chamamos o Arco Norte, que é a região lá em cima, Roraima e Amapá. E nessas regiões – até sei mais ou menos de cor, de tantas vezes que converso sobre o assunto –, estamos fazendo estradas. Umas vão permitir a ligação com a Guiana Francesa, outras com a Guiana.

Vamos também melhorar certos portos – já direi –, como, por exemplo, o porto de Santana, no Amapá. Vamos também dar prosseguimento à linha Guri, que traz energia da Venezuela para Roraima, e aqui está o Governador. Vamos, sim, agradecer ao Amazonas, que nos deu, em Itacoatiara, um porto graneleiro, que permitiu a ligação mais fácil da produção de Roraima, do próprio Amazonas, e cá do meio do Brasil, de Mato Grosso, com o mercado internacional. Nós vamos olhar com muito afinco para essa região.

Vamos olhar, além da região do Arco Norte, o Madeira e o Amazonas. Vi o que era e o que é de Porto Velho ao Amazonas. E amanhã será em Humaitá, e, depois de amanhã, será no porto de Santana, lá em Macapá. Quando nós tivermos terminado o canal que estamos fazendo, de dragagem da Ilha de Marajó, o porto de Belém vai se comunicar mais facilmente com o porto de Santana, em Macapá. Quando virem o que tudo isso significa, que riquezas brasileiras vão fluir mais

facilmente, entenderão o porquê do meu entusiasmo por esses eixos de crescimento. Vamos fazê-los. Já os estamos fazendo.

Vamos levar adiante o que chamamos aqui de Eixo Transnordestino e de Eixo do São Francisco. O São Francisco, só para repetir, é fundamental. Só para repetir que as obras já estão em marcha, mas é preciso entender que o Nordeste não é só o São Francisco, e que de Aracaju até Natal vamos duplicar a BR-101, porque aquilo ali é uma costa dourada, para não repetir nomes que já existem. É uma costa dourada para a qual o turismo é atraído. Vamos, sim, fazer isso. Vamos, sim, dar continuidade aos programas de saneamento nessa região do Nordeste. Vamos, sim, fazer a Transnordestina – o BNDES já tem o programa, já temos o projeto. A iniciativa privada tem de fazê-la, porque ganhou a concessão para isso. E por isso eu mandei a proposta da Agência Nacional de Transportes para o Congresso, para que ela cobre da iniciativa privada aquilo que não está sendo feito, porque tem de fazer a Transnordestina. Vamos, sim, levar adiante a transformação da Rede Sudeste, da região Sudeste, no Araguaia e Tocantins, na região Sul, e assim por diante.

Quero chamar-lhes a atenção para o fato de que alguns desses eixos já estão em funcionamento, e que não existiam antes do Brasil em Ação. Quem for à Chapada de Parecis, no Mato Grosso, verá o que está começando a ser feito – e já há alguma coisa feita – na 364. Quem for ver o porto de Porto Velho, como eu fui, e depois for ver lá, no Amazonas, as chatas viajando por aqueles rios, saberá, como o Ministro Padilha tantas vezes me disse, que estão sendo monitoradas por satélites e que podem viajar à noite. Todos saberão que essas chatas que hoje transportam riqueza foram financiadas pelo BNDES. A iniciativa privada foi quem fez o porto. E quando o Governador for ver quanto era o seu ICMS antes e quanto é o seu ICMS hoje, todos descobrirão que estamos avançando nessas hidrovias.

E vamos fazer outras. A Araguaia-Tocantins, que vai ter a eclusa de Tucuruí, já está em obras, está prevista aqui. E essa eclusa vai permitir que a riqueza do centro do Brasil flua e saia, se quiser, pelo Pará. Mas nós também estamos fazendo, continuando a Ferrovia Norte-Sul, de Açaílândia e Estreito.

Vou, dentro de poucas semanas, inaugurar uma multimodalidade de transporte, que vai permitir passar do rio para a rodovia, da rodovia para a ferrovia. E se alguém quiser, ao invés de sair pelo Pará, sair – para a Governadora Roseana Sarney não ficar zangada comigo – por Itaqui, poderá sair pelo Maranhão.

Também, o sul do Piauí será incorporado aí, e as riquezas que estão sendo geradas no sul do Piauí, como no sul do Maranhão, como em Balsas, como na Bahia, como em toda parte, terão vários caminhos, para chegar mais depressa e mais barato, para que nós possamos competir, com competência e com capacidade, lá fora.

Se não quiserem ficar só olhando para as hidrovias que estamos fazendo, na região Norte e Nordeste do Brasil, e quiserem vir à Tietê-Paraná, verão que já está em marcha. E se quiserem saber, ao lado das hidrovias, refizemos as ferrovias. Hoje, é só tomar a Ferronorte. Assim como a Norte-Sul, ela é fundamental. O Governador Dante está aqui e foi comigo, juntamente com o Governador Perillo, ver lá, em Alto Taquari, que nós avançamos, fizemos a ponte rodoviária entre São Paulo e Mato Grosso, cruzamos todo o Mato Grosso do Sul, chegamos a Mato Grosso, e foi emocionante ver um comboio de 3 km andando a 80 km por hora. Mato Grosso, finalmente, teve acesso ao mar.

Agora, são paulistas, mas podem ser cariocas, porque também há um ramal que estamos fazendo que está aqui nesse programa, para que, quem vier por essa ferrovia, possa escolher se vai para Sepetiba, porto que nós fizemos com o programa dos últimos quatro anos, ou se vai para o porto de Santos, esse já renovado. Está feito. Não são promessas. É continuidade do que nós temos de fazer.

Eu poderia falar quase que infinitamente, com paixão. Com paixão por esse Brasil novo, por essa sociedade nova. Infelizmente, muitas vezes, o que há de carcomido no Brasil não quer ver um Brasil novo e radiante, que está ao alcance das nossas mãos, se nós seguirmos firmes no caminho. Mas está, e nós vamos seguir firmes esse caminho.

Posso lhes dizer que a revolução energética no Brasil, a introdução do gás no componente da matriz energética, vai supor, como está supondo – e nós vamos fazer isso –, que nós vamos, efetivamente,

construir, agora, mais do que 50 termelétricas, para permitir que seja possível continuar oferecendo energia elétrica ao Brasil.

Estamos trazendo energia do Guri, estamos trazendo gás da Bolívia, estamos trazendo gás da Argentina, estamos fazendo uma termelétrica em Uruguaiana. Em São Paulo, são muitas termelétricas. Mato Grosso, que não tinha energia, vai exportar energia. Assisti ao leilão de exportação de energia futura de Mato Grosso. Por quê? Porque fizemos a interligação do sistema elétrico brasileiro. E hoje pode-se mandar para qualquer lado do Brasil a energia gerada em qualquer ponto deste país. Vamos continuar fazendo, avançando no nosso sistema termelétrico. Vamos, sim.

Eu precisava dizer ao Brasil como o Brasil é grande. Quero lhes dizer também – para não deixar de dar uma palavra – que se estamos fazendo metrôs em Brasília, em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Fortaleza – vejam bem que não olho a cor política de quem quer que seja quando se trata de uma obra de interesse público –, se estamos fazendo isso, se vamos fazer o Rodoanel de São Paulo, se vamos fazer, no Rio de Janeiro, a comunicação para permitir que o porto de Sepetiba se insira no Rio de Janeiro; se vamos fazer, em Belo Horizonte – em Belo Horizonte, meu Deus, de que eu tanto gosto – também um anel, se estamos fazendo tudo isso, não quero deixar de dizer que há um outro clamor, um outro grito que não está parado no ar, que já rola como lágrima por este Brasil. E esse clamor, esse grito é o de que nós temos a tragédia da seca.

Gastamos, no ano passado, 1 bilhão e meio – 1 bilhão e meio de reais – com atividades federais para dar conta da seca. De novo, vamos enfrentar isso com coragem. O Ministro Fernando Bezerra está se organizando para enfrentar. Vamos olhar o futuro. Há estados que estão em situação dramática. Mandei fazer os estudos sobre as transposições. Não quero prejulgar. Não se começa uma transposição sem se salvar o rio, o assoreamento do São Francisco, as matas ciliares, as drenagens. Mas os estudos estão sendo feitos. Se for visto que, efetivamente, na proporção justa, essa transposição não prejudica Minas, Bahia, Sergipe ou o que seja, vamos fazer. Os recursos estão aqui. Vamos transpor o rio, se for justo.

Não sou pessoa de gestos tresloucados. Não tomarei uma decisão que me possa ser cobrada amanhã pelos efeitos negativos sobre o meio ambiente. Mas tenho a ousadia suficiente e o compromisso com o Brasil para dizer aos brasileiros do Nordeste que vamos fazer o possível e o impossível para que, sendo viável, se possa dar água de beber. Não é água para irrigação, porque não daria. É água de beber para os milhões de brasileiros que vêm os açudes evaporando muitas vezes, que olham para o céu angustiados e não vêm a chuva cair, que pedem ao Governo Federal ajuda. Mas ajuda para quê? Para prolongar a angústia por mais anos e anos? Por que não nos unirmos todos para ver, de fato, o que dá para fazer, para resolver essa questão brasileira? Vamos enfrentá-la! Vamos enfrentá-la com coragem, com determinação.

Vamos nos inspirar, visitando Tocantins, esse estado que é um verdadeiro Eldorado brasileiro. Vi aqueles rios todos. Vi que se não tivermos planejamento, como vamos ter – e eu mando, nesta semana, a proposta da Agência Nacional de Águas –, nós podemos desperdiçar isso no futuro. Não vamos tomar um gesto que pode ser de aplauso, porque é ousado, mas que fracasse amanhã. Vamos planejar o uso das águas. Se planejarmos bem, vamos ter condição de dar, realmente, água aos nossos brasileiros. Vamos fazê-lo.

Por isso é que pedi que viessem nesta manhã aqui. Pedi que viessem nesta manhã e termino como comecei, agradecendo. Agradecendo, comovidamente, à afluência e à compreensão. O Congresso Nacional vai discutir, vai modificar o que desejar, vai ter a competência para um diálogo à altura do Brasil. Se nós fizermos isso, se continuarmos com a chama dentro do Governo da emoção, como o Ministro Martus demonstrou agora, com determinação, não tenho dúvida: o Brasil está construindo uma nova nação, uma nova sociedade, um novo país, um país que vai ser muito melhor do que o País que herdamos.

Conto com vocês. Conto com os brasileiros. E quero que os brasileiros saibam que podem contar, inabalavelmente, com a minha fé, com a minha convicção, com a minha firmeza, com a minha humildade, com meu desprendimento. Mas com minha força para vencer pelo Brasil!